



#8M lute como Marielle

INFORMATIVO DO MANDATO É TEMPO DE RESISTÊNCIA - DEP. RENATO ROSENO (PSOL) | MARÇO DE 2019

MULHERES CONTRA BOLSONARO E O FIM DA APOSENTADORIA

Contagiadas pela potência das manifestações pelo #EleNão, as mulheres ocupam as ruas no 8 de março para defender a aposentadoria das trabalhadoras, ameaçada pela trágica PEC da Reforma da Previdência de Bolsonaro

No mundo inteiro as mulheres estão preparando grandes mobilizações para este 08 de março de 2019, Dia Internacional de Luta das Mulheres. Estamos assistindo avançar no mundo uma onda de extrema direita e ultraneoliberal, com uma agenda que intensifica a exploração da classe trabalhadora, retirando direitos, gerando empobrecimento, fortalecendo uma política de violência e de morte, perseguindo movimentos sociais e tentando calar as vozes de resistência e os levantes populares.

No Brasil, essa onda cresceu com a eleição de Bolsonaro em 2018, cuja vitória se deu, sobretudo, pela omissão do programa econômico defendido por ele, pela disseminação de preconceito e ódio às mulheres, à população negra e às LGBTQs e com intensa produção de mentiras no submundo das redes sociais. A composição dos seus antiministérios, com representantes que são contrários às políticas pelas quais estão responsáveis e a militarização deles,

a destruição das políticas sociais e o enfraquecimento da democracia em suas primeiras medidas apresentadas já revelam a face autoritária, cruel, racista, antimulheres, antiLGBTs e antipovo desse governo.

Foram as mulheres e os movimentos feministas que inundaram as ruas com uma verdadeira onda lilás, demonstrando uma enorme capacidade de mobilização e de resistência frente aos duros ataques impostos pelos poderosos

Foi por compreender o desastre que seria a vitória eleitoral de Bolsonaro para o país que as mulheres convocaram massivos protestos no dia 29 de setembro do ano passado sob a bandeira do #EleNão. Foram as mulheres e os movimentos feminis-

tas que inundaram as ruas nos últimos anos com uma verdadeira onda lilás, demonstrando uma enorme capacidade de mobilização e de resistência frente aos duros ataques impostos pelos poderosos, sendo elas as mais atingidas pela retirada de direitos e pela política de morte que vem sendo implementada, tirando as suas vidas e a vida dos seus filhos.

Contagiadas pela potência das manifestações pelo #EleNão, as mulheres ocupam as ruas neste 8 de março, num grande ato unificado, para defender a aposentadoria das trabalhadoras que está ameaçada pela PEC da Reforma da Previdência de Bolsonaro, para denunciar o aumento do número de mortes violentas de mulheres em todo Brasil e, sobretudo no Ceará, onde foram assassinadas Stephani, Ingrid e Dandara, e para reivindicar justiça para Marielle, vítima da violência política que cresce no país atingindo defensoras e defensores de direitos humanos e lideranças populares.

Os direitos que **PERDEMOS** e o preço que **PAGAMOS**

As mulheres são as mais prejudicadas com a Proposta de Emenda à Constituição (PEC), que altera as regras da aposentadoria pública, tornando quase impossível o acesso a esse direito para a maior parte da população.

O (des)governo Bolsonaro apresentou ao Congresso Nacional no dia 20 de fevereiro uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que altera as regras da aposentadoria pública, tornando quase

impossível o acesso a esse direito para a maior parte da população. Além disso, as mulheres serão as principais prejudicadas se essa PEC for aprovada.

A Reforma de Bolsonaro deixa

de fora os verdadeiros privilegiados, como militares de alta patente e juízes e aqueles que se apropriam do dinheiro da previdência para obter altos lucros no sistema financeiro, que são os bancos.

VEJA ABAIXO AS PRINCIPAIS MUDANÇAS PROPOSTAS POR ESSA ANTIRREFORMA



IDADE MÍNIMA

Uma das alterações mais impactantes para as mulheres é o estabelecimento de uma idade mínima para a aposentadoria, de 62 anos, com tempo mínimo de contribuição de 40 anos para acesso ao benefício integral. Ao estabelecer uma idade mínima, elimina-se a aposentadoria por tempo de contribuição;



MULHERES TRABALHADORAS RURAIS

Bolsonaro quer estabelecer 20 anos de contribuição para as trabalhadoras e os trabalhadores rurais (na regra atual não era necessário contribuição, apenas comprovação de atividade rural por 15 anos). Além disso, aumenta a idade mínima das mulheres de 55 para 60 anos, igualando aos homens.



PROFESSORAS

Na regra atual, a idade mínima para professoras da rede pública se aposentarem é de 50 anos (e dos professores, 55 anos). Com a proposta de Bolsonaro, a idade mínima passa a ser 60 anos para ambos os sexos, o que significa que as mulheres professoras terão um aumento de 10 anos para acessar o benefício enquanto que o aumento para os homens é de 5 anos. Além da idade mínima, hoje são exigidos 25 anos de contribuição para mulheres e 30 para homens. Com a PEC, as professoras terão que comprovar 30 anos de contribuição, mesmo tempo exigido para os professores.



BENEFÍCIO DE PRESTAÇÃO CONTINUADA PARA IDOSAS

A proposta de Bolsonaro aumenta 5 anos para a concessão do BPC para idosos carentes no valor de 1 salário mínimo. Hoje, o benefício é concedido aos 65 anos. Isso significa que mulheres e homens terão de aguardar até os 70 anos para conseguir receber o valor de 1 salário mínimo em sua aposentadoria.

Pela vida das mulheres. Parem de nos matar!

A escalada de **assassinatos de mulheres** no Ceará

Em 2018, o número de feminicídios atingiu um recorde no Ceará. Em meio ao descaso por parte dos governos estadual e federal e do desmonte das políticas públicas, ao longo do ano, 452 mulheres e 111 meninas foram assassinadas.



Estamos vivendo um crescimento assustador de assassinatos de mulheres (feminicídios) no Brasil e, especialmente, no Ceará. O estado assiste perplexo a casos de mulheres espancadas por horas seguidas sem que ninguém faça nada, mulheres mortas arremessadas de um apartamento pelo marido, espancadas e alvejadas pelo ex-companheiro, ou esquartejadas por membros de organizações criminosas.

O Ceará aparece no Mapa da Violência de 2015 como o terceiro estado do Brasil em que mais cresce o número de mulheres assassinadas no período entre 2006 e 2013 (mapa da violência 2015). Quando comparamos os números dos últimos três anos, o cenário é ainda mais estarrecedor. De acordo com dados da Secretaria de Segurança Pública do Ceará, em 2016 foram assassi-

nadas 210 mulheres no Estado e 28 meninas de 10 à 19 anos. No ano seguinte, houve um aumento considerável, tendo sido assassinadas 365 mulheres e 80 meninas. Já em 2018, o aumento foi ainda maior, com 452 mulheres e 111 meninas assassinadas.

São dados que deveriam deixar qualquer governo em alerta.

No Ceará, infelizmente, a realidade é diferente. Estamos acompanhando um verdadeiro descaso por parte dos governos estadual e federal e um profundo desmonte das políticas públicas voltadas à prevenção da violência e proteção às mulheres.

Para piorar, Bolsonaro lançou um decreto que facilita a posse de armas, o que deixa as mulheres em uma situação de vulnerabilidade ainda maior. Afinal, a

casa é o lugar onde acontece o maior número de casos de violência contra as mulheres.

É importante ressaltar que as mulheres negras são as mais atingidas pela violência e pelo feminicídio. O Mapa da Violência 2015 atesta que entre 2003 e 2013, o feminicídio de mulheres negras aumentou 54%, enquanto que o de brancas diminuiu 9,8%.

Marcharemos enquanto for necessário, ecoando os nomes e as vozes de cada uma das mulheres cujas vidas foram encerradas pelo machismo e covardia dos homens, assim como pela omissão do estado, para que elas não sejam esquecidas, e para que a dor e o luto de suas famílias assumam um propósito de resistência e luta por justiça e para que não mais aconteça.

Nos queremos vivas, livres e sem medo!

Não nos esqueceremos

Justiça para **MARIELLE, STEPHANI, INGRID e DANDARA!**

Mulheres como Marielle são assassinadas porque encarnam o insuportável para a covardia que toma conta do Brasil: a emancipação de si mesma, a resistência das comunidades, a libertação de tantas mulheres negras que se veem nela.

No dia 14 de março deste ano, completará 1 ano da execução covarde da vereadora do PSOL(RJ) Marielle Franco e do motorista Anderson Pedro Gomes. São 365 dias sem respostas e sem solução para este crime político. O assassinato de Marielle, premeditado e covarde, revela que estamos vivendo um cenário de agravamento do ódio e da violência política, assim como da força de grupos paramilitares e de milícias que estão cada vez mais entranhados na política, dispostos a descartar qualquer um e qualquer uma que

venha representar resistência ou ameaça aos seus interesses.

O racismo, a LGBTfobia e o patriarcado transformam alguns grupos de pessoas em seres matáveis. A travesti Dandara teve sua vida encerrada pela transfobia que assola o nosso país e nos confere o marco de sermos que mais mata LGBTs no mundo. Jovens como Stephani e Ingrid tinham todo um futuro pela frente e foram vítimas da violência e do ódio construído numa sociedade que acredita ter a dominação sobre nossos corpos e nossos desejos, sobre nossas vidas e nosso futuro.

Mas resistimos dia-a-dia por todas elas, pela necessidade de não perdermos mais nenhuma de nós, pela esperança de

termos vida e que nossas vidas possam ser plenas e felizes, pela possibilidade de construirmos um mundo onde sejamos capazes de olhar nossa avós e filhas e, nesses muitos olhares, nos reencontrarmos com a paz e a alegria de nos vermos vivas, livres. Nossa luta ganha o mundo e nosso clamor por nós mesmas é entoado por muitas e diversas vozes, quando matam uma de nós como assassinaram Marielle, pensam que nos calam, mas somos como águas, que crescem e estão em constante movimento.

Marielle, assim como as outras, era semente; e essa semente brotou em muitos corações. Muitas vozes se ergueram após sua morte, e muitas mais irão se erguer. Dessas vozes ecoa uma pergunta que precisa de resposta: "Quem mandou matar Marielle Franco?". Essa resposta será buscada incansavelmente para que nela resida a formulação de um novo tempo, em que nenhuma de nós será interrompida.

Marielle, assim como as outras, era semente; e essa semente brotou em muitos corações. Muitas vozes se ergueram após sua morte, e muitas mais irão se erguer.



**É TEMPO
DE RESISTÊNCIA**

**DEPUTADO ESTADUAL
RENATO ROSENO
PSOL**

Informativo do Mandato É Tempo de Resistência - Dep. Renato Roseno (PSOL)
Jornalista Responsável: Felipe Araújo | Projeto gráfico: Lara Vasconcelos
Fotos: Agência Brasil | Textos: Setorial de Mulheres PSOL-CE

 www.renatoroseno.com.br

 /RenatoRoseno50

 contato@renatoroseno.com.br

 (85) 99864.5050 // (85) 3277.2792

 Av. Desembargador Moreira, 2807 - Dionísio Torres -
Gabinete 314 Fortaleza-CE

